

Educação sexual: relato de uma experiência 4

Nora-Ney Santos Barcelos (org.)*

André George Zaiad**

Claudine Santos**

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A educação sexual formal deve ter como objetivo (in) formar crianças e adolescentes para a prática de uma sexualidade saudável. Segundo VITIELLO & CONCEIÇÃO (1990), por ocasião da realização do Seminário Latino Americano sobre saúde do adolescente exarou-se para adolescência o seguinte conceito: “Fase peculiar de transição biopsicossocial, caracterizada pelas transformações biológicas e pela busca de definição de um papel social, determinado pelos padrões culturais do meio. Fase de mudança gradativa de atitudes e comportamentos.”

O indivíduo na fase da adolescência mostra mais curiosidade em conhecer o que está acontecendo com ele e com os demais adolescentes em relação às questões psicológicas, sociais e biológicas da sexualidade.

* Bióloga-Pedagoga. Docente na Universidade Federal de Uberlândia-UFU, MYHHHG - Depto. Biociências.

** Biólogos egressos da UFU.

Recebido em 10.04.96

Aprovado em 28.04.96

Os questionamentos são os mais diversos e as freqüentes informações, pelos meios de comunicação, muitas vezes são vagas e contraditórias. Além disso, observa-se que muitos pais ainda deixam para a escola a responsabilidade de educar sexualmente seus filhos. Os educadores, em sua grande maioria, continuam tratando o assunto apenas nos aspectos biológicos ou, no máximo, convidam um palestrante médico para isso.

O EDUCADOR SEXUAL deve ser uma pessoa que tenha consciência e segurança para lidar com as angústias, as confusões, os medos e conflitos sexuais gerados por múltiplas pressões familiares e sociais. Deve ser flexível, sensível inspirar confiança e ser ágil para abrir espaço no qual o adolescente, ou a criança converse sobre várias coisas. Sobretudo, ser aquela pessoa que mostre neutralidade, evitando dizer o que está certo ou errado, pois cada família tem seus valores. Para CAVALCANTI (1993) valores “são uma espécie de farol que orientam nossa conduta, dependem muito dos nossos conhecimentos e das nossas crenças.”

Para MAIA (1993) quando a educação sexual tende para uma visão holística da situação, facilita para o adolescente o entendimento das razões de seu comportamento e a introjeção de noções de auto-estima, afeto e responsabilidade. “já foi comprovado que a informação, por si só, não muda a postura. Esta possui um componente cognitivo que depende daquele, mas que a transcende, é maior do que ela. Quando trabalhamos o conhecimento e a informação objetivamos a mudança tanto do cognitivo quanto na postura (conativo). A informação isolada tende a ser genérica e impessoal e por isso não encontra ressonância dentro da pessoa. Quando usamos uma vivência individual para passar a informação, nós a tornamos pessoal e individualizada, e aumentamos a possibilidade de que ela seja ouvida e integrada.”

MÉTODO

Este desafio educativo na esfera sexual requer, portanto, educadores com formação em sexualidade humana e conhecimento de uma metodologia de ensino específica, para atuarem nas escolas de ensino fundamental e médio. Nesse sentido uma equipe composta por diversos profissionais (biólogo - pedagogo, psicólogo e médico) além de acadêmicos, implementou, em 1994, um **Programa de capacitação e supervisão de educadores em sexualidade humana**, na Universidade Federal de Uberlândia-UFU, sob coordenação da Professora da Disciplina Prática de Ensino de Biologia, a primeira autora deste texto.

O referido programa resultou de seis anos de experiência nessa área, com alunos-adolescentes, mais especificamente, com idade entre 12 e 14 anos. Sua forma foi a de projeto de extensão da UFU em escolas públicas, municipais e particulares, sendo um trabalho de caráter informativo e formativo.

O objetivo desse programa é sensibilizar, preparar e supervisionar profissionais do ensino e acadêmicos da UFU para EDUCAR sexualmente. Partindo do pressuposto que educação compreende modificações de atitudes, que Brown citado por CAVALCANTI (1992) define como a disposição que um indivíduo tem para agir de forma favorável ou desfavorável em relação a um determinado objeto. Aquilo que o indivíduo pensa depende muito de sua vivência e da aprendizagem do meio social. Segundo CAVALCANTI (1993), “educar é um crescer de dentro para fora, fruto de um processo reflexivo. Quem ensina tem a tendência de se preocupar simplesmente com o conhecimento, mas quem educa prepara o indivíduo para a vida, despertando nele todo o seu potencial de humanização.”

Vale ressaltar que algumas atividades desse programa de capacitação foram adaptadas de vivência apresentadas no III Encontro Nacional de adolescentes, promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Campinas-SP, em 1993. O I módulo do Programa de capacitação iniciou-se com 17 participantes, entre educadores em geral e acadêmicos dos cursos de Ciências Biológicas e Psicologia-UFU. Destes, apenas 10 ficaram até o final desse módulo. O II módulo contou com 14 participantes efetivos e o III e último módulo contou com 8 participantes, os quais já desenvolvem projetos de educação sexual nas escolas. Essas pessoas além de participarem quinzenalmente do curso de capacitação, têm um horário quinzenal de supervisão, para discutirem as suas experiências profissionais, produzirem material didático e terem acesso à discutirem as suas experiências, produzirem material didático e terem acesso à literatura específica.

Ao lado do programa de capacitação trabalha-se com uma proposta de metodologia em educação sexual, numa perspectiva de que seus participantes, ao utilizarem-na, façam a devida adequação à sua realidade. Recomenda-se que o educador desenvolva essa proposta, na escola, de forma progressiva, respeitando a individualidade do adolescente e com a participação, mesmo que indireta, dos pais.

Para isso, o programa de Educação Sexual na escola deve contar com um tempo médio de pelo menos quatro meses, utilizando-se dois dias por mês. Em cada dia deve-se realizar, no mínimo, três horas-atividades,

idealmente com música ambiente, em sala de aula. Os educadores de uma mesma escola devem reunir-se periodicamente, para discutirem os resultados do encontro anterior e se prepararem para o próximo.

Para garantir a implantação e a continuidade da Educação Sexual na escola, bem como maior êxito na sua execução, recomenda-se que cada escola tenha um coordenador para o programa e que a equipe seja composta por profissionais, se possível, de diferentes áreas do conhecimento. Isso enriquece o trabalho, tendo em vista a abrangência e complexidade do assunto. Além dos educadores da escola, é importante que a equipe possa contar com acompanhamento de médicos e psicólogos que conheçam de sexualidade humana, e de um supervisor em educação sexual. Outro aspecto de extrema importância é que esses educadores discutam com os demais educadores da escola a filosofia e os objetivos do programa, para evitar divergências na linha de orientação dos alunos. A seguir apresentamos um roteiro desta programa que tem como finalidade servir de norteador para o educador sexual.

Primeiro e segundo encontros:

Objetivos: Apresentar os princípios norteadores do programa. Permitir aos adolescentes se conhecerem melhor e se descontraírem para falar de seus valores, expectativas e ansiedades. Verificar o nível de influência que a sociedade e os meios de comunicação exercem sobre o comportamento humano.

Apresentação

Em círculo e sentados, os participantes, um a um e num sentido pré determinado, devem dizer o primeiro nome, cabendo ao colega imediatamente posterior escrever o nome no crachá e colocá-lo em sua camisa, preso com fita crepe. Posteriormente, cada um diz como as pessoas com quem mais convive costuma chamá-la(o). Em seguida o participante que desejar fazer algum comentário do tipo: “quem é que o chama assim?”, deve assim fazê-lo. É hora também de cada um colocar suas expectativas com relação ao programa que está iniciando, propondo sugestões.

Acróstico

O orientador sexual após escrever a palavra ADOLESCÊNCIA no quadro de giz no sentido vertical, solicita dos participantes que pensem em palavras ligadas com sexualidade e que se relacionam com as letras que formam a palavra adolescência. Em seguida eles devem dizer as palavras,

iniciando por aqueles que comecem com letra A. Colocar em discussão cada palavra que compõe o acróstico, deixando os participantes exporem suas idéias.

Palavras e frases

Cada participante escreve, de forma legível no seu crachá, uma palavra relacionada com sexualidade. Essa palavra deve iniciar com a letra do seu nome. Posteriormente, os participantes organizados em grupos formam uma frase a partir dessas palavras. A frase deve ser lida por todos os componentes, de maneira que cada um leia a parte que se relaciona com sua palavra. No final o grupo que quiser fazer algum comentário poderá fazê-lo. No caso de nomes que iniciam pelas letras K, W e Y pode-se usar as letras C, V e I, respectivamente.

Concorda ou discorda

De um lado da sala o orientador coloca a palavra “concorda” e do outro a palavra “discorda”. Os Participantes devem se dirigir para o centro da sala. Quando o orientador pronunciar uma frase, eles devem caminhar rumo a palavra “concorda” ou “discorda”. Logo em seguida, sem fazer nenhum tipo de comentário, devem retomar o centro da sala para dar continuidade à atividade.

As frases devem ser tipo: “numa gravidez indesejada deve-se praticar o aborto”; “A homossexualidade é uma opção de vida”; “Ficar é transar”; “Na primeira relação sexual não se engravida”; “A masturbação é prejudicial à saúde”; “Prevenir da gravidez é responsabilidade da mulher”; “O uso da camisinha diminui o prazer sexual”; “A virgindade é importante para o casamento”; “A mulher pode se transar menstruada”; “Ciúme é sinal de amor”; “O aidético transa”, etc.

Recomenda-se que o educador procure intercalar entre suas frases, outras elaboradas pelos alunos. Posteriormente à colocação de todas as frases, os alunos devem organizar-se em círculo para discuti-las. Iniciando pela análise do comportamento dos alunos no momento em que tiverem que tomar uma decisão em publico, sem identificar os participantes. Deve-se ter o cuidado de evitar receitas, estabelecer comparações desnecessárias e tratamento preconceituoso, usando em determinadas situações palavras como maioria, minoria e indecisão. Para concluir, o educador poderá usar debates e textos para esclarecer os assuntos abordados durante a atividade.

Como atividade extra sala de aula, pedir aos participantes que escrevam individualmente textos, poesias, ou músicas sobre quatro temas,

tais como amizade, namoro, sexo, gravidez, violência, liberdade, respeito, amor, aborto, sexualidade, adolescência, estupro, família e escola. Este material deve ser entregue no segundo encontro para análise e exposição na escola.

Terceiro e quarto encontros

Objetivos: Promover interação pessoal dos participantes a descontração dos mesmos, além de levantar dúvidas e concepções dos participantes.

Aquecimento

Pedir para cada participante se aproximar do colega ao lado, formando dupla. Cada elemento da dupla pensa numa parte do corpo que o liga e em outra parte que o desliga, sem contar qual é essa parte para o colega. De frente um para o outro, enquanto “A” fica de pé e parado, “B” vai tocando seu corpo, começando pela cabeça em direção aos pés, até tocar na parte em que “A” definiu. Quando isso acontecer “A” começa a pular e só deve para quando “B” tocar a parte, anteriormente definida, como sendo a que o desliga. A brincadeira continua, com “A” descobrindo as parte do corpo que “B” definiu. A experiência tem mostrado que a brincadeira proposta a seguir (molho picante) permite melhor distribuição dos alunos, favorecendo o desenvolvimento deste aquecimento, quando executada antes desta.

Molho Picante

Os participantes são convidados a ficarem de pé e em círculo. Cada um deve representar um tempero, com sal, pimenta, vinagre ou azeite. O orientador pede para um dos participantes ir para o centro do círculo. Com isso ficando um lugar no círculo. Se ele disser “sal”, todos os colegas que representam este tempero têm que trocar de lugar entre eles. Se ele disser “molho picante”, todos os participantes devem trocar de lugar entre si. Em qualquer uma destas situações, sempre vai ficar um participante no centro, que ficou sem lugar, cabendo aos outros participantes, se quiserem, atribuir a ele uma pena educativa.

O repórter e a pesquisa

Os participantes devem se sentar em duplas e elaborarem uma pergunta sobre sexualidade que possa ser respondida com poucas palavras. Em seguida, os participantes de cada dupla devem se sentar, um de

frente para o outro, formando um círculo interno e outro externo. Os membros do círculo interno ficam com a folha de papel que contém a pergunta e com lápis, para registrar as resposta dos colegas do círculo externo, que se movimenta no sentido pré determinado, enquanto os membros do círculo interno são fixos. Assim que todas as perguntas forem respondidas pelos membros do círculo externo, pode-se propor inversão de lugar entre eles, ou seja, os repórteres passam a fazer parte do círculo externo e os entrevistados, membros do círculo interno. Em seguida, as duplas se separam novamente para organizarem os dados e se prepararem para apresentação e discussão dos resultados, em círculo, com auxílio do orientador.

Como sugestão, um grupo de alunos poderá entrevistar colegas da escola, para fins de ampliação dos dados da pesquisa e em seguida colocar os resultados no mural da escola.

Eu, diante dos referenciais externos

Pedir que um dos participantes, voluntariamente, faça um desenho no quadro de giz. O educador deve então apagar parte do desenho e, simbolicamente “colocá-la” na mão do participante. Em seguida, tapa-se os seus olhos com uma venda. Após ter circulado com o participante ele é posicionado no fundo da sala, de onde deve caminhar até o quadro para “completar” a figura. A partir daí, os demais participantes podem auxiliá-lo no cumprimento do seu objetivo, cabendo ao mesmo julgar as instruções, aceitando-as ou não. Assim que terminar a brincadeira, os participantes, agora dispostos em círculo, devem responder os questionamentos que seguem, iniciando-se com o participante voluntário e em seguida os demais. - O que você sentiu ou observou durante a atividade? - Que importância tem para você os referenciais externo? - É possível viver sem eles? - Eles o impedem de ser você mesmo? - Que relação você faz entre o que foi vivenciado aqui e o que acontece na vida? - Como lidar com os referenciais externos?

Quinto e sexto encontros

Objetivo: Propiciar aos participantes condições para manifestarem, criatividade, seus próprios valores, idéias, conhecer-se mais e também aos outros.

Aquecimento - Percepção do corpo-ritmo e movimento

O orientador deverá conduzir o grupo através dos seguintes movimentos: “Vamos nos soltar. O corpo todo. Ombros, nuca, pernas... Vamos criar obstáculos... pedras grandes, poças de água, ladeira... Estamos pisando em terra quente, quase pegando fogo. Aos poucos vai esfriando... e se transformando em gelo. Agora está voltando ao normal a temperatura e aí vamos voltar a caminhar no ritmo normal de cada um, prestando atenção e observando seu corpo agora. Cada um deve escolher um local na sala e respirar profundamente, contar até dez, segurando a respiração e soltar o ar (três vezes)”. Propor uma avaliação sobre o que sentiram e percebendo durante a caminhada. Discutir um pouco sobre o que existe dentro do seu corpo a como é ele por fora.

Eu, diante de mim e do outro. Vendo-me através do outro

O educador solicita que os participante formem duplas, sentem no chão, um de frente para o outro e façam a máscara do parceiro. Enquanto isso devem conversar sobre o que fazem no dia-a-dia, se gostam, se não gostam e o que mais lhes agrada nos seus rostos. Esta atividade necessita de papel pardo e papel de seda em quatro cores, cola, lã, canetas hidrocor, pincéis, giz de cera de cores variadas e tesouras ou gases gessada. Assim que as máscaras ficarem prontas deve ser iniciada a apresentação. Um dos componentes da dupla fica sentado na cadeira enquanto o seu par colocar no próprio rosto a máscara que fez para ele, dizendo: “Eu sou... eu gosto de... não gosto de... sinto...”

Enquanto isso, o dono da máscara, que está sentado a ouvindo o que o seu colega fala sobre ele, vai expressando pela fisionomia se ele realmente concorda. Posteriormente, eles trocam de lugar e tudo se repete. Para concluir, eles se abraçam e entregam as máscara aos verdadeiros donos. Em círculo devem fazer a seguinte reflexão: “O que aprendi sobre mim mesmo e sobre o outro? O que senti quando o outro falou sobre mim?”.

Tô ligado na comunicação

Os participantes, em dupla, devem conversar sobre as formas de comunicação da sexualidade no cotidiano. Os participantes organizam-se em seis grupos e cada grupo escolhe um sub-tema, sobre a comunicação da sexualidade no namoro, na família, na escola, na igreja, na sociedade ou na televisão.

Apresentação de filmes em vídeo cassete sobre doenças sexualmente transmissíveis, reprodução humana e métodos contraceptivos.

Atividade extra classe. (Orientação)

Formar cinco grupos de trabalho sendo que cada um deverá ficar responsável pelo desenvolvimento dos temas listados a seguir.

“Estudo de caso”. escrever uma história conflitante, relacionando adolescência, família e sociedade. Definir bem os papéis dos personagens. Atribuir valores de zero a quatro aos personagens para retratar a opinião do grupo. No dia da apresentação formar um júri com os colegas da sala, para julgar o caso. “O que está acontecendo comigo?” Preparar uma poesia ou música sobre os aspectos bio-psico-sociais da sexualidade na adolescência.

“Meu corpo por dentro e por fora”. Modelar em argila o corpo todo, externamente, ou partes sexuais do corpo.

“Métodos contraceptivos”. Pesquisar, selecionar materiais ilustrativos e modelar órgãos sexuais e alguns métodos contraceptivos para demonstração destes.

“Teatro”. Escrever uma história relacionada a adolescência e prepará-la para uma dramatização.

Aquecimento - Pássaro voa

Formar-se um grupo de três pessoas, sendo que duas dão as mãos, enquanto a terceira fica entre as duas, como se fosse um pássaro dentro do ninho. Quando o orientador disser “pássaro voa”, as duas levantam os braços e o pássaro voa buscando um outro ninho. Aquele que ficar de fora paga uma prenda. Quando o orientador disser “ninho desmanchou”, os pares se separam e se forma novos ninhos com outros pássaros.

Sétimo encontro

Objetivo: Promover um evento na escola para que os participantes do programa de educação apresentem aos colegas e educadores os resultados dos trabalhos desenvolvidos por eles, em grupos; esclarecer as dúvidas ainda existentes, visando uma discussão mais geral e avaliar o programa.

Apresentação dos trabalhos pelos grupos, em sala ou no pátio da escola.

Apresentação dos palestrantes por psicólogos e médicos.

Avaliação

“O que aprendi?” Com os participantes em círculo e sentados no chão, um dos participantes, voluntário, recebe a ponta de uma linha de novelo e faz relato do projeto e do que aprendeu. Depois, cada um dos outros participantes vai fazendo o mesmo.

Encerramento

Para finalizar, em círculo, de pé e de mãos dadas, dois membros soltam suas mãos abrindo o círculo. O participante de uma das extremidades iniciando um movimento de zig-zag entre os outros, enquanto os demais acompanham, até que todos se aproximem e se abraçam e se despedem.

RESULTADOS

Os resultados decorrentes desse programa de capacitação e supervisão de educadores em sexualidade humana têm sido satisfatórios. Os educadores que continuam participando dele, hoje sentem-se mais preparados para tratar o tema sexualidade na adolescência, conseguem fazer com mais segurança uma leitura crítica do que se passa no âmbito da escola, família e sociedade. Na esfera sexual, insiste na adesão voluntária de colegas no programa, que está, a cada dia, sendo mais respeitado e valorizado pelos educadores das escolas de ensino fundamental, médio e superior.

Além disso, os referidos educadores dizem estar preocupados em zelar pela qualidade da Educação Sexual que está sendo desenvolvida nas escolas, de modo geral, e ainda reclamam da dificuldade em envolver os pais dos alunos e da falta de disponibilidade horário para o programa no ensino fundamental e médio, apesar do espaço já conquistado em muitas escolas.

Os alunos adolescentes participantes desse programa sempre aguardam ansiosos os próximos encontros. Ao final de um semestre, tempo médio de duração do programa na escola, percebemos durante as discussões sobre fatos ligados a sexualidade no cotidiano e aqueles, vinculados pelos diferentes meios de comunicação, que já houve uma expressiva mudança de comportamento dos alunos, principalmente com relação a auto estima, socialização e postura crítica. Frequentemente ouvimos expressões do tipo: “Nossa! Que aula diferente! Aprendemos brincando e brincamos enquanto aprendemos. Este programa foi muito útil e super legal. Não sabia como evitar a gravidez.”

CONCLUSÃO

Nossa expectativa com esse programa é que educadores e adolescentes continuem acreditando na importância de se viver bem a sexualidade com prazer, responsabilidade, respeito e sabedoria; pensando e praticando-a como expressão do corpo e da alegria interior. Entendemos que a educação seria muito mais eficaz e eficiente se fosse corretamente trabalhada, principalmente pela família no dia a dia.

Acreditamos que a Educação Sexual é necessária, importante e viável. Cabe a nós, educadores, transpormos as barreiras, auxiliando e compartilhando com os pais essa tarefa educativa e alcançarmos as crianças e adolescentes, ajudando-os a superarem os conflitos peculiares da fase, preparando-os para uma vida adulta saudável e feliz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAVALCANTI, Ricardo da Cunha. Educação no Brasil e América Latina. In: R.B.S.H. São Paulo: Iglu, 1993, v. 4, n. 2, p. 164-173.
2. MAIA, Mônica Bara et all. A (in)formação sexual do adolescente: uma nova proposta. In: R.B.S.H. São Paulo: Iglu, 1993, v. 4, n. 1, p. 31-6.
3. VITIELLO & CONCEIÇÃO. O exercício da sexualidade na adolescência: aspectos bio-psico-sociais. In: R.B.S.H. São Paulo: Iglu, 1990, v. 1, n. 2, p. 15-28.